

O contexto atual do país tem sido marcado por ações e políticas de desmonte em diferentes esferas, mas com atenção para a arena política e democrática, científica, jurídica, educacional e de saúde. Assistimos atônitos a anúncios de notícias que beiram a ficção, carregados de *fake news* como discursos produzidos como verdades absolutas e rapidamente socializados através das redes sociais. Quais verdades produzem esses discursos e matérias? De que forma são forjados? E por que produzem sentidos para parte da população que, por sua vez, reproduzem em forma de violências física, simbólicas, políticas e raciais?

Com a pandemia da covid-19 tais discursos se amplificam e geram distanciamentos ainda maiores nas estruturas sociais, de trabalho, renda e nas condições de vida da população brasileira, com aumento significativo da violência urbana e da pobreza no país.

Essa conjuntura é pano de fundo que mobiliza pesquisadores para discussões sobre violência e privação de liberdade, articulando-as as questões estruturais e marcadores sociais sobre a população e as formas que o encarceramento é produzido e quais efeitos produzem nos sujeitos presos, em crianças e jovens em instituições de acolhimento e de privação de liberdade e nos trabalhadores prisionais, mas também na sociedade e formas como as injustiças geram políticas outras de sentido sobre a própria justiça e o descaso ou quase uma cegueira da justiça quando se relaciona com estratos sociais, disposições de gênero, raça e condições sociais. Assim é, mas não pode o ser!!! Necessário refletir sobre o que produzimos e quais os desdobramentos das injustiças na construção de sujeitos encarcerados.

Tais argumentos são problematizados nos sete textos que compõem o Dossiê *Narrati-*

vas de si em espaços de privação de liberdade, organizado por Daiane de Oliveira Tavares da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Marcos Estevão Gomes Pasche da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), cujo objetivo incide em reflexões sobre artes de viver e sobreviver em espaços de privações de liberdade, através dos modos como os sujeitos narram suas histórias e como constroem cotidianamente dispositivos para viverem em espaços prisionais.

Os textos do dossiê socializam experiências de escritas, mas também de relatos diversos de como homens e mulheres presas incorporam e produzem sentidos sobre si, sobre a prisão e a privação de liberdade. As narrativas nos espaços prisionais ganham potência e força, pois demarcam condições e reconfigurações das narrativas e histórias de pessoas como forma de reexistências.

Investir nessa temática, neste momento que vivemos no país é, por demais, fundante, na medida em que nos desloca para pensarmos como as narrativas de si e as histórias de vida, mediadas por práticas culturais de leitura, de gênero, de raça e de condições física das instituições, são reinventadas por sujeitos que vivem em espaço de privação de liberdade. A narrativa se configura como uma das formas de existir, mas também como um movimento de protesto e de socialização de práticas invisibilizadas e silenciadas socialmente.

A seção “Artigos” é constituída por sete textos que discutem questões metodológicas no domínio da pesquisa (auto)biográfica, com ênfase em processo de transcrição de entrevistas e narrativas, de questões de escrita e de análise. Prossegue com teorizações sobre experiências no exílio e suas relações com a migração a partir de diálogos com a herme-

nêutica, em seguida partilha-se narrativas de estudantes de um mestrado profissional no contexto da pandemia, de representações de mulheres autistas e de experiências sobre processos formativos no campo da educação de jovens e adultos.

Inicia com o texto *Transcrição e construção de um papel educativo: a abordagem biográfica na formação de babás*, de Carolina Kondratiuk, cujo objetivo é investigar as potencialidades dos dispositivos biográficos, com apropriações de princípios da pesquisa (auto)biográfica e da história oral, na formação de babás brasileiras na França. O texto, pela sua potência, ancora-se na hermenêutica das narrativas de vida das babás e suas ações em relação ao cuidado infantil, mediado por processos de biografização das experiências vividas. A transcrição das experiências é um ponto central do texto e da análise apresentada, ao colocar em relevo as experiências e trajetórias das babás numa dimensão de pesquisa-formação a partir do vivido e do narrado.

No artigo *a análise textual discursiva como caminho para a compreensão de histórias de vida em pesquisa educacional*, Sueli Rodrigues da Rocha, Ana Lúcia Sarmiento Henrique e Ilane Ferreira Cavalcante sistematizam questões relacionadas a alguns modos de utilização da abordagem metodológica com histórias de vida no campo educacional e apresentam disposições teórico-metodológica da Análise Textual Discursiva (ATD) como uma das possibilidades de análise das histórias de vida. O texto caracteriza etapas, indicando construções de unidades de análise e de categorias em relação ao processo de auto-organização textual.

Em *Uma experiência complexa de escrita acadêmica*, Luciane Iwanczuk, Carlos Eduardo Poerschke Voltz e Dinora Tereza Zucchetti problematizam aspectos sobre a escrita acadêmica ao discutirem inter-relações entre experienciar, conceber, pesquisar e escrever.

O texto toma como centralidade relato de experiência das autoras sobre escrita acadêmica em articulação com o campo da complexidade, destacando articulações entre leitura e escrita, mas também do rigor e da singularidade do processo de escrita, quando diz respeito a escrita colaborativas.

O texto de Anne-Laurence Franzini intitula-se *Vivência do exílio e fixidez narrativa: para uma hermenêutica da condição exílica* e busca apreender de que forma fenômenos migratórios implicam-se com o paradigma do exílio, como um conceito central que mobília reflexões sobre a estrutura do vivido e a natureza das manifestações de experiência, numa dimensão individual e coletiva. A proposição de uma hermenêutica da condição exílica, configurada através da narrativa biográfica e da reflexividade do sujeito sobre sua experiência, inscreve-se como espaço e lugar fundante da condição exílica e da consciência sobre tal.

O artigo *Pesquisar na pandemia da covid-19: narrativas de estudantes de um mestrado profissional*, de autoria de Francisco das Chagas Silva Souza, toma como ideia central as alternativas forjadas por estudantes do mestrado profissional do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProFEPT), no Rio Grande do Norte, Brasil, em relação aos processos e produtos criados no cenário da pandemia da covid-19 e do isolamento social, socializadas através de narrativas e de práticas autoformadoras.

O texto de Flávia Lomba Costa e Rita de Cássia Pereira Lima, *Representações do passado escolar por mulheres autistas sob a abordagem (auto)biográfica*, discute aspectos teórico-metodológicos relacionados à pesquisa (auto)biográfica e suas vinculações com à Teoria das Representações Sociais (TRS), quando investigam representações sobre “ser normal” no passado escolar por mulheres com o nível 1 do Transtorno do Espectro Autista (TEA).

O texto entrecruza representações sobre “ser normal” e práticas de “normalização” escolar construídas em espaços institucionais, cruzando-as com questões de gênero e necessárias superações de binarismos sobre as deficiências.

Encerra a seção o artigo *Narrativas de si, histórias de vida e memórias no processo de alfabetizar-se: relatos da experiência com jovens e adultos no município de Icapuí (CE)*, de Paulo Augusto Tamanini e Enock Douglas Roberto da Silva, ao destacaram a utilização do *Diário das Memórias*, constituído de narrativas de si como dispositivo pedagógico para a alfabetização e letramento de jovens e adultos. O texto avança com discussões sobre fertilidades da pesquisa (auto)biográfica o campo da educação de jovens e adultos, através dos relatos e das suas relações com a formação do sujeito e as trajetórias formativas dos professores.

O volume apresenta na seção “Resenha” o trabalho de sistematização construído por José González-Monteagudo, a partir do *Book review Time and the rhythms of emancipatory education. rethinking the temporal complexity of self and society*, de autoria de Michel Alhadeff-Jones, publicado em 2017 em Londres pela Routledge. A resenha da obra destaca aspectos do autor, sua formação e sua atuação profissional em Genebra e Nova York, além de questões relacionais entre tempo e ritmos no domínio da educação emancipatória, através de rela-

ções complexas construídas numa disposição temporal do eu e da sociedade. As discussões sobre o tempo emergem das trajetórias formativas do pesquisador em Genebra, Paris e Nova York, possibilitando diálogos implicados com autores francês e norte-americanos sobre a temática da obra.

Inclui também esse número da *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica (RBPAB)* dois resumos de tese de doutorado; o primeiro intitula-se *Autoformação docente na experiência de supervisão do PIBID: transações para uma práxis pedagógica emancipatória na educação física*, de autoria de Samara Moura Barreto de Abreu, defendida em 2020 na Universidade Estadual do Ceará (UECE); e o segundo, *#Pedagogiasciber culturais: como aprendemos-ensinamos a nos tornar o que somos?*, de autoria de Felipe Carvalho, defendida em 2021, na UERJ.

Com alegria, publicamos o volume 7, número 20 da *RBPAB* e desejamos que o dossiê, os artigos, a resenha e os resumos das teses possam contribuir com discussões outras sobre narrativas de si e privação de liberdade, mas também sobre questionamentos sobre a crise social, democrática, jurídica, educacional, sanitária que vivemos no país. Essas são marcas da revista e que, sem dúvidas, tomam as histórias, memórias, trajetórias e narrativas como uma das formas de resistências e de outras resistências em contextos e cenários de crise.

Massarandupió, outono de 2022
Elizeu Clementino de Souza